

# A REPRESENTAÇÃO DA DONZELA-GUERREIRA NA PERSONAGEM ÉOWYN, EM *O SENHOR DOS ANÉIS*, DE J.R.R. TOLKIEN<sup>1</sup>

Fernanda Ferreira Barreto<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente artigo busca realizar uma análise comparativa entre o mito da donzela-guerreira e a personagem Éowyn, de *O Senhor dos Anéis*, de J.R.R. Tolkien. Os preceitos teóricos adotados basearam-se no pensamento de Beauvoir (1949), Bourdieu (1998), Estés (1989), Galvão (1998), Millett (1970), Oliveira (2001) e Pinheiro (2007), a partir dos quais foram apresentados o contexto histórico da condição da mulher, os traços da donzela-guerreira, sua figuração e processo da androginização. Através de pesquisa bibliográfica foi registrado um paralelo entre a personagem e o arquétipo da donzela-guerreira, o que possibilitou refletir acerca das limitações que as mulheres sofreram ao longo do tempo. À guisa de conclusão, nota-se que o mito da donzela-guerreira aborda conflitos sociais mantidos entre os gêneros, mostrando privilégios dos homens em relação às mulheres, condição representada por Éowyn, que contesta ideias patriarcais e demonstra capacidade de realizar ações masculinas, protagonizando ações guerreiras com bravura, inteligência e coragem.

**Palavras-chave:** Donzela-guerreira. Feminismo. Tolkien. Éowyn.

**Resumen:** El presente artículo busca lograr un análisis comparativo entre el mito de la doncella-guerrera y la personaje Éowyn, de *O Senhor dos Anéis*, de J.R.R. Tolkien. Los preceptos teóricos abordados se basaron en el pensamiento de Beauvoir (1949), Bourdieu (1998), Estés (1989), Galvão (1998), Millett (1970), Oliveira (2001) e Pinheiro (2007), a partir del cual se presentaron el contexto histórico de la condición de la mujer, los rasgos de la doncella-guerrera, su figuración y el proceso de andróginización. A través de la investigación bibliográfica se registró un paralelismo entre la personaje y el arquetipo de la doncella guerrera, lo que permitió reflexionar sobre las limitaciones que han sufrido las mujeres a lo largo del tiempo. Como conclusión, cabe señalar que el mito de la doncella-guerrera aborda los conflictos sociales mantenidos entre géneros, mostrando los privilegios de los hombres sobre las mujeres, condición representada por Éowyn, quien disputa las ideas patriarcales y demuestra la capacidad de realizar acciones masculinas, liderando acciones bélicas con valentía, inteligencia y coraje.

**Palabras-clave:** Doncella-guerrera. Feminismo. Tolkien. Éowyn.

1 Artigo apresentado ao curso de Licenciatura em Letras – Habilitação Português-Espanhol, da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, como requisito parcial para a conclusão da graduação, sob orientação de João Batista Pereira.

2 Graduanda do curso de Licenciatura em Letras – Habilitação Português-Espanhol, da Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE.

## Considerações iniciais

Atalanta, da Grécia antiga; Camila, de Eneida; Joana D'Arc, a Donzela de Orléans; Mu-lan; Catarina de San Juan, "la Chica Poblana"; Catalina de Ereauso, a Monja Alferes; Simone Weil, uma donzela guerreira do século XX. Todas essas mulheres, conforme Walnice Nogueira Galvão (1998), têm uma característica em comum: se transvestem de homem para realizar um feito social. Muitas delas foram perseguidas por agirem contra o *status quo* estabelecido na sociedade. Durante muitos anos, a mulher possuía apenas o papel doméstico e/ou sexual, enquanto as demais atividades sociais eram dominadas pelos homens. Por essa cultura estar atrelada por tanto tempo a valores ideológicos, a maioria das mulheres, ao longo da história, não reconheceu sua submissão imposta pelo sistema, o que ocasionou a ausência de rebelião. Devido a essa condição, poucas e históricas mulheres modificaram sua atuação social para se tornarem respeitadas na história.

Nesse contexto, surgem obras com personagens femininas e guerreiras, como em *O Senhor dos Anéis*, de J. R. R. Tolkien, na qual uma das protagonistas tem as marcas do que foi nominado de donzela-guerreira: Éowyn. Conceitualmente, Walnice Nogueira Galvão salienta que é usual à donzela-guerreira decidir agir sozinha contra uma circunstância que exige autodeterminação e decisão, e trace o seu destino de um modo diferente do que fora imposto pela sociedade. À luz desse contexto, ganha pertinência o objetivo buscado neste trabalho: apresentar uma análise comparativa entre a figura do feminino, os arquétipos da donzela-guerreira e as ações realizadas por Éowyn, personagem do *corpus* escolhido para análise.

Estruturalmente, na primeira seção deste trabalho são resgatados conceitos sociais, antropológicos e históricos sobre a mulher, enfatizando as limitações impostas por cada época, e como alguns desses traços perduram até hoje. Neste sentido, são levantadas discussões sobre a figura feminina ser vista com inferioridade em relação à masculina, remetendo à ideia de que a mulher é incapaz de realizar as mesmas ações que os homens. Em seguida é apresentado o conceito da donzela-guerreira, de acordo com Walnice Nogueira Galvão, situando-a em situações e contextos que remetem à condição da mulher na história, enfatizando a restrição de a mulher não poder guerrear com e como os homens. Por fim, são destacadas as realizações de Éowyn, trazendo analogias com o arquétipo da donzela-guerreira e com contextos sociais misóginos, retomando conceitos discutidos nos capítulos anteriores.

## 1 Sobre o feminino e a história

É sabido que a mulher, desde tempos remotos, é vítima da desigualdade de gênero. Conseqüentemente, quando surge um novo papel para ela, distinto daquele determinado socialmente, surge a ideia de empoderamento feminino: mulheres livres, guerreiras, corporativas, chefes, corajosas e outros adjetivos que as qualifiquem, quase sempre definidos por aquilo que é atribuído aos homens. Através de fatos históricos pode-se ter uma noção de como a mulher era (e ainda é) vista, geralmente classificada por adjetivos de cunho de inferioridade em relação ao homem. Segundo Christine Delphy (2009), usualmente as injunções determinadas pela cultura patriarcal refletem uma sociedade onde os homens têm poder, sinônimo de “dominação masculina”.

Ainda sobre a questão da dominação, vale a pena comentar que em toda relação advinda do ato de um grupo dominar outro, ou uma classe dominar outra, são impostos limites e submissão para o grupo ou classe dominada. Sob essa vertente “um se apresenta como representante da totalidade e o único depositário de valores e normas sociais impostas como universais porque os do outro são explicitamente designados como particulares” (APFELBAUM, 2009, p. 76), fazendo com que o grupo dominador aja em nome da particularidade do grupo dominado, como uma espécie de controle social e retirando o seu poder de liberdade. Ao relacionar essa condição com a problemática de gênero, constata-se que as mulheres foram isentas de liberdade e independência devido aos privilégios masculinos, isenções que foram obstáculos para elas usufruírem dos mesmos direitos dos homens (RIOT-SARCEY, 2009).

Estudos antropológicos assinalam que os conceitos de masculinidade e de feminilidade foram atribuídos cultural e socialmente, de acordo com as características e qualidades de homens e mulheres. Ou seja, como tais traços decorreram de uma visão dominante, nota-se que são as relações sociais (culturalmente advindas da dominação masculina) que classificam o que é considerado normal para ambos os sexos (MOLINIER; WELZER-LANG, 2009). Essa ideia de sancionar o que é natural para o homem e para a mulher existe desde a Grécia Antiga, como afirma Aristóteles sobre a dupla natureza do homem e da mulher, e, Platão, ao acreditar que há uma única natureza e papéis sociais específicos para cada um deles (COLLIN, 2009).

Esses pressupostos, observados na concepção e hierarquização dos gêneros, foram citados por Pierre Bourdieu, que salientou a permanência da inferioridade da

mulher, afirmando que ela ao longo do tempo foi assimilada ao fútil, ao pequeno, entre outros traços subalternos. Em sentido contrário, o homem faz parte de posições que remetem à virilidade e à dureza, permanecendo nos cargos de privilégios, pois “a força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificção” (BOURDIEU, 2012, p. 18), significando que seus atributos, estabelecidos por ele, são vistos como o normal, o natural, sem necessidade de legitimação. Essa ordem social, que reitera a dominação masculina, decorrente da divisão de trabalhos baseada no gênero sexual, quando cada sexo possui suas atividades, lugares e instrumentos, atribui ao homem atuar em espaços públicos e à mulher restava o mundo privado, a exemplo dos afazeres domésticos, cuidar das crianças e das plantações:

A divisão entre os sexos parece estar "na ordem das coisas", como se diz por vezes para falar do que é normal, natural, a ponto de ser inevitável: ela está presente, ao mesmo tempo, em estado objetivado nas coisas (na casa, por exemplo, cujas partes são todas "sexuadas"), em todo o mundo social e, em estado incorporado, nos corpos e nos habitus dos agentes, funcionando como sistemas de esquemas de percepção, de pensamento e de ação. (BOURDIEU, 2012, p. 17)

Para uma mulher conseguir ocupar o mesmo cargo social que um homem, ela teria que, partindo dos valores patriarcais, obter atributos considerados masculinos, como estatura física, voz grossa, agressividade, confiança e autoridade (BOURDIEU, 2012). Esse fator de hierarquia masculina faz com que o gênero feminino seja excluído de papéis importantes na sociedade, isto é, a mulher é estruturalmente marginalizada. Ao refletir sobre os grandes feitos da humanidade, pode-se perceber que quase todos foram realizados por homens, ao mesmo tempo que o sexo feminino era excluído das posições de poder, de força, de luta física, de estudos científicos e vários outros elementos importantes da história. Poucas mulheres são lembradas quando os assuntos são as guerras, a ciência ou a política, devido ao silenciamento de vozes e apagamento dos registros. Isso implica que “a sociedade sempre foi masculina; o poder político sempre esteve nas mãos dos homens.” (BEAUVOIR, 1970, p. 91).

Devido a essa sistematização imposta desde longo tempo, ao falar em ser humano muitos se referem ao homem, designam o ser humano ao homem, tornando o neutro, normal e natural. Já a mulher é diferenciada em relação ao homem “e não este em relação a ela; a fêmea é o inessencial perante o essencial.” (BEAUVOIR, 1970, p. 10). No decorrer das eras do *homo*, o sexo masculino triunfou

através de suas experiências e representações. Ao falar em posições renomadas da sociedade vem à memória alguém (ou grupo) do sexo masculino: cargos políticos, gerência, força física, militares e chefes, por exemplo, pois essas representações e experiências do masculino advém de tempos remotos, quando somente homens podiam guerrear, manejar instrumentos pesados, liderar, estudar. À medida que os homens lideravam os meios sociais, políticos, culturais e econômicos, as mulheres “aceitavam” o seu destino de submissa e dominada, pois reconheciam que o mundo é masculino; os homens o modelaram durante toda a sua historicidade. Com isso, a mulher acabou por se considerar inferior, pois seu sexo não representava algo majoritário:

O homem sabe que pode reconstruir outras instituições, outra ética, outro código; apreendendo-se como transcendência, encara também a história como um dever; o mais conservador sabe que certa evolução é fatal e que a ela deve adaptar sua ação e seu pensamento; a mulher, não participando da história, não lhe compreende as necessidades; desconfia do futuro e almeja sustar o tempo. (BEAUVOIR, 1967, p. 367)

Segundo Simone de Beauvoir, para que a mulher pudesse ser reconhecida como um indivíduo completo, como o homem sempre fora, ela teria que ocupar as mesmas posições que o sexo masculino, da mesma forma que este obtém acesso ao mundo feminino para impor-lhe ordens e limites. Uma das explicações utilizadas para justificar essa histórica submissão da mulher está na sua biologia. Até hoje existem crenças religiosas e culturais que inferiorizam e objetificam a mulher por ela sangrar mensalmente; também se reflete atualmente a preferência por homens no mundo corporativo, com a justificativa de que a mulher engravida e ficará ausente por vários meses e que isso trará prejuízos para a empresa, além da discrepância de salários entre os sexos. Outra explicação, agora de viés histórico, é pelo fato de que a mulher nunca fora ensinada a desempenhar a lógica e a técnica. A exaltação masculina resultou que ele continua “sendo a verdade do universo, a autoridade suprema, a maravilhosa aventura, o senhor, o olhar, a presa, a salvação, o prazer; encarna ainda a transcendência, é a resposta a todas as perguntas.” (BEAUVOIR, 1967, p. 313).

Quando se fala em posições públicas e privadas para os sexos significa que o homem, enquanto um ser dominante, se encarrega de atuar no e para o mundo, e a mulher tem o seu papel social limitado ao privado, ou seja, às atividades domésticas.

A partir do momento que a mulher se descobre submissa e se pergunta por que sempre fora excluída do mundo, surge a possibilidade de transformação. O homem se sente amedrontado com mulheres que possuem senso crítico relacionado à sua condição de gênero, pois “uma revolução sexual acabaria com a instituição patriarcal, abolindo tanto a ideologia da supremacia do macho como a tradição que a perpetua através do papel, condição e temperamento atribuídos a cada um dos dois sexos.” (MILLETT, 1970, p. 10). Com o patriarcalismo enraizado na sociedade, é praticamente impossível realizar uma revolução sexual que traga alterações necessárias, porém drásticas, de forma imediata. Segundo Millett (1970, p. 13), “para um grupo excluído das mínimas liberdades civis (como era o caso das mulheres), o seu objetivo era demasiado vasto para ser alcançado num século”. Com aparente razão, os movimentos feministas são mal vistos pelo gênero masculino, pois o patriarcalismo também é, de certo modo, opressivo aos homens, bem como quando uma mulher ocupa um lugar que foi tradicionalmente do homem e este duvida de sua competência:

A mulher continua a ser ineficaz socialmente porque permanece confinada à sua função doméstica ou biorreprodutora, enquanto o macho, que controla realmente todas as vias que levam ao poder, continua (com a aprovação geral) a praticar a agressão que se define como fazendo parte integrante da sua natureza. (MILLETT, 1970, p. 235)

Como ficou demonstrado nessas breves reflexões, o objetivo desta primeira seção foi trazer elementos relacionados à submissão da mulher para analisar sobre o objeto do presente artigo: a concepção literária da donzela-guerreira. Tal foco tem como marca a atuação feminina no mundo dos homens, algo que era um tabu e ainda repercute atualmente. Uma mulher que maneja armas, veste-se com armaduras e participa de guerras é vista com estranhamento, pois esses feitos sempre foram protagonizados por homens. Resgatar o mito da donzela-guerreira, portanto, propicia uma reflexão de cunho estético e, ao mesmo tempo, alude às limitações sociais designadas às mulheres na sociedade ao longo do tempo.

## **2 A donzela-guerreira**

A partir do que foi apresentado no capítulo anterior, pode-se pontuar o quanto a atuação da mulher foi limitada nas sociedades. Tal condição é representada em

diversos eixos literários, mostrando-a predestinada a uma vida no ambiente doméstico e presa às regras sociais. Com o intuito de demonstrar outra face dessa história, ainda que dela derivada, este artigo se apropria do mito da donzela-guerreira e do seu deslocamento social. Walnice Nogueira Galvão, em *A donzela-guerreira: um estudo de gênero*, lembra que esse tipo literário se configura como uma mulher que não aceita o destino de viver no ambiente doméstico e se restringir a uma vida sem os privilégios dos homens. De maneira geral, a materialização dessa personagem é feita como uma órfã de mãe, filha única ou sem irmão homem adulto, situação que o pai lamenta profundamente. Fisicamente, ela corta os cabelos, usa trajes masculinos e outras peças para esconder os seios e suas curvas e luta para honrar a família. O mito da donzela-guerreira é parte de vários romances, apresentando as diferenças das figuras masculinas e femininas e, ao mesmo tempo, um discurso que ameaça o patriarcado, por igualar os sexos nas mesmas condições (JESUS; SACRAMENTO, 2014).

É sob esse viés que o mito da donzela-guerreira se tornou um tema frequente em diversas literaturas, a exemplo da greco-latino, definida no universo mítico sob uma história imaculada, isto é, verídica, pois sua principal função é retratar o mundo. Nas palavras de Mircea Eliade, “o mito se torna o modelo exemplar de todas as atividades humanas significativas” (1994, p. 13), ou seja, ele reflete as ações sociais de determinados grupos. O uso sintático do nome “donzela-guerreira”, portanto, resulta dos diversos contextos históricos que a literatura apresenta, os quais abordam essa personagem sob os pontos de vista crítico e analítico. Estés (1999, p. 8), em *Mulheres que correm com os lobos*, comenta que os mitos permitem uma percepção que possibilita o leitor escolher “o caminho deixado pela natureza selvagem”, mas que esse caminho não chegou ao fim, pois ainda guia a mulher para cada vez mais longe, “na direção de seu próprio conhecimento”. Assim, a compilação do mito da donzela-guerreira e o seu contexto histórico mostrado na literatura, demonstra que:

os limites da representação da donzela-guerreira estão circunscritos aos valores do patriarcado que ela não questiona no seu agir, mas ameaça ao se constituir num signo culturalmente marcado, pela biologia inclusive, pelo corpo e pela condição de mulher. É justamente essa circunscrição que lhe interdita a livre expressão da sua condição feminina e a emancipação de sua sexualidade. (OLIVEIRA, 2001, p. 30-31)

No artigo *Metamorfoses da donzela-guerreira*, Galvão realça que, segundo Lévi-Strauss, o mito encerra com uma lição conservadora. A donzela-guerreira, no fim de tudo, acaba limitada em dois destinos: ou se casa e tem filhos ou morre. Ou seja, ou ela se enquadra nos padrões sociais ou morre (real ou simbolicamente), circunstância que surge como uma ameaça para mulheres que anseiam por liberdade e reconhecimento. Uma vez que o perfil da donzela guerreira tem se tornando cada vez mais potente, não seria raro tomar conhecimento da participação de uma figura feminina disfarçada de homem em uma guerra. Um traço excepcionalmente marcante das mulheres guerreiras é a sua vontade de entrar em um universo vedado ao público feminino, como causas públicas, a exemplo das guerras (GALVÃO, 1998).

Ao abordar a historicidade da donzela-guerreira, Galvão (2002) menciona as novelas de cavalaria no fim da Idade Média, quando havia um vasto número delas que ansiavam ser cavaleiros andantes. Uma é Joana D'Arc, que foi perseguida, julgada e queimada por realizar atos fora do campo em que as mulheres atuavam, e depois de tudo isso, foi canonizada. Outra mulher guerreira da Idade Média foi Elisabetta Trebbiani. No livro *Mulheres Intelectuais da Idade Média*, de Marcos Roberto Nunes Costa e Rafael Ferreira Costa, consta que ela era da cidade de Ascoli Piceno, que saía à noite para proteger o seu marido, Paulino Grisanti, dos inimigos, vestida de espadachim (ocupação exclusivamente masculina). O seu manejo com armas era superior à maioria dos homens que a enfrentaram. (COSTA; COSTA, 2019).

Já no Renascimento havia muitas mulheres que participaram de expedições militares o que, para elas, era sinal de prestígio. Shakespeare possui mulheres heroínas travestidas e suas representações no teatro elisabetano eram feitas por homens, pois as mulheres eram proibidas; assim, os homens atuavam como mulheres vestidas de homens. Nesse mesmo diapasão, Galvão (2002) comenta que no Brasil há várias representações da donzela-guerreira na literatura e na vida real, como as cangaceiras, mandonas, soldados, bandidas e aventureiras. Mas em outras partes do mundo a donzela-guerreira também foi e é representada e documentada na história, como na Índia, Rússia, Inglaterra, Vietnã, China, Grécia e Tchecoslováquia.

Houve um crescimento na quantidade de mulheres mandonas na história e na literatura, mandonas no sentido de serem empoderadas, independentes e autônomas. Antigamente, os maridos, que eram considerados os chefes da casa, mandando não só nos filhos, mas também nas suas mulheres, as faziam submissas e dependentes. Dentro dessa perspectiva, as viúvas eram classificadas como mandonas porque não



tinham marido para lhes impor ordens. Há várias personagens da literatura brasileira que são mandonas, assim como mulheres que fazem parte da história, a exemplo da avó de José de Alencar, que se tornou líder na revolução de 1817 (GALVÃO, 1998).

Homens e mulheres possuem talentos a partir do momento em que nascem, mas a sociedade resolveu apenas evidenciar, da figura feminina, apenas suas características não-viris. (ESTÉS, 1999). Os diversos contextos sociais, políticos, culturais e econômicos do século XVIII contribuíram para um radicalismo na desigualdade de gênero, pois nessa época o corpo feminino era visto como inferior ao masculino e que só era valorizado para procriar e para o prazer sexual. Nesse período o Ocidente se preocupou em analisar esses corpos e seu comportamento sexual, temática que até o século XIX era estudada na religião e na filosofia moral. Com essa iniciativa esse tema passa a ter uma disciplina específica, a sexologia, que se baseia em psicologia, biologia, história, sociologia e antropologia. Assim, a sexualidade passa a ser um mecanismo de estruturação social, visto que o sexo é uma forma de controle dos corpos e do comportamento dos sujeitos.

A donzela-guerreira é uma personagem que não foi criada para ser limitada e confinada (OLIVEIRA, 2001). Bourdieu explica que esse fenômeno ocorreu (e ainda ocorre) devido ao funcionamento de uma ordem social que legitima a dominação masculina na sociedade, o que corrobora fatores como a divisão de deveres entre os sexos, sempre deixando o homem ser responsável pelos trabalhos consideravelmente mais ilustres e as mulheres limitadas aos serviços de cunho doméstico ou cargos de baixo prestígio, além das “condutas de marginalização impostas às mulheres com sua exclusão dos lugares masculinos” (BOURDIEU, 2012, p.34). A mulher sempre foi destinada às posições mais fúteis, pois a questão da virilidade e da nobreza deveria fazer parte do ser masculino. Tudo o que era considerado rude e viril fazia parte do homem, enquanto a fragilidade e delicadeza eram adjetivos classificadores da mulher:

Cabe aos homens, situados do lado do exterior, do oficial, do público, do direito, do seco, do alto, do descontínuo, realizar todos os atos ao mesmo tempo breves, perigosos e espetaculares, como matar o boi, a lavoura ou a colheita, sem falar do homicídio e da guerra, que marcam rupturas no curso ordinário da vida. As mulheres, pelo contrário, estando situadas do lado do úmido, do baixo, do curvo e do contínuo, veem ser-lhes atribuídos todos os trabalhos domésticos, ou seja, privados e escondidos, ou até mesmo invisíveis e vergonhosos, como o cuidado das crianças e dos animais, bem como todos os trabalhos exteriores que lhes são destinados pela razão mítica, isto é, os que levam a lidar com a água, a erva, o verde (como arrancar as

ervas daninhas ou fazer a jardinagem), com o leite, com a madeira e, sobretudo, os mais sujos, os mais monótonos e mais humildes. (BOURDIEU, 2012, p. 41)

Com todos esses fatores problemáticos da mulher, uma revolução sexual seria o melhor caminho para a extinção da submissão masculina, entretanto, mudanças repentinas não são possíveis na sociedade, pois o patriarcalismo é uma condição que se perpetua até os dias de hoje. O homem é um símbolo de autoridade. A ele foram destinados os papéis da inteligência, do raciocínio e, sobretudo, de fazer guerras. Seus privilégios são do meio público, ao contrário da mulher, que vive “no seu universo fechado de atividades domésticas e filantrópicas.” (MILLETT, 1970, p. 66).

Nesse viés, Simone de Beauvoir salienta que a mulher, para o homem, é um ser desprovido de autonomia, pois é ele quem decide por ela os seus valores. A partir disso, pode-se confirmar que nunca houve igualdade de gênero. Quando as mulheres lutaram para tal direito, elas não ganharam sozinhas, pois eram os homens que decidiam quais os valores exigidos pelo sexo feminino as concederiam. Em outras palavras, a mulher sempre foi escrava do homem, mesmo em sua luta contra isso. A autora compara que “o ‘eterno feminino’ é o homólogo da ‘alma negra’ e do ‘caráter judeu’” (BEAUVOIR, 1970, p. 17): o sexo feminino é parte de um grupo marginalizado que não tem voz, como os negros e os judeus. Ela comenta que alguns indivíduos argumentam sobre a *Bíblia*, dizendo que Eva foi criada depois de Adão, e que isso torna a mulher um ser inferior. Para que haja igualdade de gênero, além dos direitos jurídicos, deve-se ter a participação da mulher no ambiente público assim como os homens sempre participaram (BEAUVOIR, 1970).

Beauvoir (1967, p. 298) cita que a “mulher que solicita por demais abertamente o desejo do macho é mal vista”. Isto é, a mulher que deseja obter os mesmos direitos que os homens não é considerada uma mulher de verdade. Portanto, “as meninas e as mulheres que vivessem apertadas em cintas, amordaçadas e contidas, eram consideradas “certas”, enquanto aquelas que conseguiam fugir da coleira uma ou duas vezes na vida eram classificadas de “erradas”.” (ESTÉS, 1999, p. 8). Devido a essa problemática, muitas mulheres até hoje vivem na passividade, considerando-se inferiores e incapazes física e intelectualmente, dependendo do homem para viver e em relação ao machismo imposto na sociedade, afinal, se elas agirem contrariamente ao *status quo*, são consideradas rebeldes (BEAUVOIR, 1967).

Ademais, um outro aspecto de grande importância que também representa a donzela-guerreira e a questão da limitação social da mulher é a androginização ou androginia, algo que se configura no processo da junção de características masculinas e femininas em um mesmo indivíduo. A donzela-guerreira se utiliza desse recurso para poder guerrear sem ser reconhecida e, assim, honrar a família. As etapas que a personagem percorre até chegar no campo de batalha são: (1) cortar os cabelos, pois o cabelo curto é uma característica básica do homem, (2) usar trajes que disfarcem as suas curvas, pois “a cintura é um dos signos de fechamento do corpo feminino” (BOURDIEU, 2012, p. 25), (3) e se vestir de guerreiro, manejando armas. Portanto, a ocultação de sua identidade sexual lhe permite se comportar como um homem, experienciando os mesmos locais físicos e simbólicos que ele. Entretanto, mesmo travestida, a donzela-guerreira não nega a sua identidade feminina, pois seu processo de androginização é apenas um disfarce e a sua superação quanto aos sacrifícios estéticos e morais se configura em reconhecimento da sua força feminina, seja ela física ou simbólica (SILVA, 2010). “O fato de ser a donzela-guerreira um tipo ideal de mulher que, por possuir um *ethos* ambissexual, reúne em seu espírito qualidades de ambos os sexos, lhe permite ultrapassar as possíveis incompletudes masculina e feminina, por sua natureza dupla”. (OLIVEIRA, 2001, p. 31).

### **3 Éowyn, a donzela-guerreira de Rohan**

Após essa contextualização sobre os papéis sociais da mulher e do arquétipo da donzela-guerreira, relacionamos esses dois aspectos com a personagem Éowyn, uma das protagonistas da obra *O Senhor dos Anéis*, de J.R.R. Tolkien. De título original *The Lord of the Rings*, o maior clássico tolkieniano, do gênero fantasia, conta a jornada da destruição do principal elemento da obra, o Um Anel, o qual é carregado por Frodo Bolseiro, um simples hobbit que, até então, possuía uma calma rotina em sua vida. Para que o anel do poder fosse destruído, Frodo precisou da companhia de seus amigos hobbits, sendo um deles o seu fiel escudeiro, Samwise Gamgi, e da ajuda viril contra os inimigos através da formação da sociedade do anel, nome que dá título ao primeiro enredo da saga: Aragorn e Boromir, de raça humana, Légolas, de raça élfica; Gimli, da raça dos anões, e Gandalf, da raça dos magos. Por toda a trama aparecem diferentes povos, reinos e seres nobres os quais terão sua contribuição

direta e indireta no andamento da narrativa. Em uma dessas aparições está Éowyn, a personagem-foco da pesquisa.

Também conhecida como a Senhora Branca de Rohan, Éowyn é filha da Casa de Eorl e sobrinha de Théoden, o Rei de Rohan, por quem foi criada durante anos junto com seu irmão, também rei, Éomer, após a morte de seus pais. Éomund, seu pai, foi morto por orcs durante uma batalha e sua mãe, Théodwyn, irmã de Théoden, faleceu de desgosto. Ela vive no salão do rei, Meduseld, situado em Edoras, considerada sábia e sensata, além de “destemida e corajosa” e muito amada pelo povo (TOLKIEN, 2019, p. 768). Possui uma beleza exuberante, com longos cabelos loiros “como um rio de ouro” é “esbelta e alta em sua túnica branca cingida de prata; mas parecia forte e severa como o aço, uma filha de reis.” (TOLKIEN, 2019, p. 757). Em sua primeira aparição na obra, no volume *As Duas Torres*, Éowyn tem a atribuição de cuidar de seu tio Théoden, cuja mente havia sido envenenada por Gríma, Língua de Cobra, o seu conselheiro. Outra tarefa destinada à Senhora Branca de Rohan foi a de hospitalizar o quarteto formado por Aragorn, Légolas, Gimli e Gandalf, servindo-os e também ao seu irmão, todos eles pertencentes do sexo masculino, apesar das raças diferentes.

Nesse breve contexto, pode-se perceber a limitação da personagem no enredo, vinculada aos cuidados domésticos, pois o seu irmão Éomer não teve as mesmas responsabilidades e ficou à frente das batalhas e outros serviços de viés público. Como o enredo de *O Senhor dos Anéis* lembra vários elementos e costumes da Idade Média, pode-se dizer que a obra retrata uma constante: “muitas vezes as meninas são proibidas de participar de quaisquer atividades que envolvam violência ou perigo (...)” (PINHEIRO, 2007, p. 23). Porém, apesar dessa participação domesticada, Éowyn se enxergava muito além do que fazia, pois sempre se preocupou com seu povo e com sua família, notadamente em relação às guerras, tendo o desejo de lutar e salvá-los, afinal, um dos seus principais traços era a bondade no coração. Porém, sempre que se imaginava na guerra, uma tristeza a tocava devido à condição de mulher.

Antes de apresentar os feitos da personagem e relacioná-los ao arquétipo de donzela-guerreira, vale ressaltar os costumes presentes nos três volumes da obra de Tolkien. Desde *A Sociedade do Anel*, as ações e batalhas eram protagonizadas por homens, de diferentes raças (humanos, elfos, hobbits, magos etc.), sendo nítida a ausência de figuras femininas nesses atos. Nos dois primeiros livros, a mulher é personificada como um ser delicado, vaidoso e, acima de tudo, limitado de vivenciar

os espaços públicos, a exemplo das guerras. No primeiro volume as personagens são Fruta d'Ouro, cuja raça é desconhecida, e as elfas Arwen e Galadriel. Nenhuma de suas ações se relaciona à guerra ou a outros aspectos violentos. O mesmo ocorre com Éowyn no segundo volume, que se vê incapacitada de fazer algo pelo seu povo. No terceiro livro a presença de Éowyn na guerra é notória, mas ela surge disfarçada, uma vez que esse ato continuava a ser considerado essencialmente masculino.

No segundo volume, *As Duas Torres*, Éowyn, durante a estadia dos quatro hóspedes, Légolas, Gimli, Gandalf e Aragorn, ela se apaixona por este último, um guerreiro de mesma raça (humano), porém essa paixão não era recíproca. Isso mostra que a donzela-guerreira, em alguns arquétipos, segundo Silva (2010), não apenas se disfarça de guerreiro, mas também se apaixona por um deles. Enquanto essa simbologia perdura no romance, outra característica da donzela-guerreira é o desejo de guerrear, admirando feitos históricos já realizados e, ao mesmo tempo, lamentando que nenhum desses feitos tenha o protagonismo feminino. Em *O Retorno do Rei*, no terceiro volume, Éowyn fica encantada com as narrações das aventuras realizadas por seus colegas, por seu irmão e por seu tio:

E, quando se sentaram com ela para jantar, conversaram entre si, e ela ouviu falar de tudo o que ocorrera desde que Théoden partira, a respeito do que só notícias apressadas ainda lhe tinham chegado; e quando ouviu da batalha no Abismo de Helm, da grande matança dos seus inimigos e da investida de Théoden e seus cavaleiros, seus olhos brilharam. (TOLKIEN, 2019, p. 1137)

Ao ouvir e admirar tais histórias, o desejo de fazer parte dos guerreiros do seu povo aumentou. Assim, foi encontrar Aragorn, a quem pede permissão para lutar junto à companhia que ele liderava: “Senhor (...), se tens de ir, deixa-me cavalgar em teu séquito. Pois estou cansada de me esquivar nas colinas e desejo enfrentar o perigo e a batalha.” (TOLKIEN, 2019, p. 1138). Tais palavras de Éowyn reforça outra marca do arquétipo da donzela-guerreira, o de estar cansada das limitações sociais impostas às mulheres. Quando Aragorn responde negativamente, justificando que “o teu dever é para com o povo”, ela o rebate, desabafando sobre como sua vida, enquanto mulher, é restrita apenas aos afazeres domésticos e questionando se não pode fazer o que quiser. Protesta sobre a rejeição que sofreu, por toda a sua vida, das batalhas, só para cuidar do lar, enquanto os homens possuíram liberdade de serem reconhecidos e nomeados publicamente:

Todas as tuas palavras só querem dizer: és uma mulher e teu papel é da casa. Mas quando os homens tiverem morrido na batalha e na honra, tens permissão de ser queimada na casa, pois os homens não terão mais necessidade dela. Mas eu sou da Casa de Eorl, não uma serviçal. Sei cavalgar e empunhar a lâmina e não temo nem a dor nem a morte. (TOLKIEN, 2019, p. 1139)

Após ouvir o desabafo da Senhora Branca de Rohan, Aragorn a pergunta do que tem medo, e ela, ainda em tom de desabafo e insatisfação, responde que teme uma gaiola, teme ficar presa às restrições sociais e não ter oportunidades de realizar um feito valente e histórico. Após essa conversa, Éowyn se retira. Assim deu-se o tempo da companhia de Aragorn ficar montada para a partida, quando retorna Éowyn, trajada de armaduras e portando uma espada, retornando a perguntar se poderia ir junto à guerra. E então ele a responde: “Não deixarei, senhora (...). Pois isso eu não poderia conceder sem permissão do rei e de teu irmão.” (TOLKIEN, 2019, p. 1140).

Após essa frustração, Éowyn se retira e realiza o processo de androginização, veste armaduras, prende os cabelos, engrossa a voz e usa o pseudônimo de “Dernhelm”, além de portar uma espada. Sob essa lógica, pode-se dizer que a figura feminina apenas será valorizada se ela não for mulher, isto é, ela deve abandonar os aspectos que a enquadra nessa condição e adotar a masculinidade, sem que outros homens descubram o seu verdadeiro gênero biológico. Em outras palavras, ela deve se travestir de homem como um disfarce. Pinheiro (2007) lembra que quando a mulher se transveste como homem, ela se encaixa em um grupo considerado superior. Historicamente, elas se cansaram da submissão ao patriarcado e perceberam que a única alternativa para se sentirem úteis e respeitadas era se disfarçarem de homem:

No momento em que a heroína diz que pode fazer essas coisas, ela se recusa a assumir o papel que é esperado dela como mulher – o de ficar em casa – e se coloca no mesmo nível que os homens, capaz de assumir o mesmo papel que eles na guerra, pois não teme o sofrimento ou a morte. (PINHEIRO, 2007, p. 77)

Contudo, embora Éowyn tenha papéis sociais limitados ao ambiente doméstico pela sua condição de mulher, ela foi criada em um ambiente masculino, o que a fez saber montar um cavalo e manipular uma espada perfeitamente (RIOS, 2005, p. 88). Tais aprendizagens podem tê-la ajudado a não ser descoberta enquanto estava disfarçada, pois o conhecimento de manejar armas e saber alguns aspectos da

cavalaria eram atos que faziam parte exclusivamente da vida do homem. Na obra, foram essas características adquiridas durante a sua criação que a fez agir como um homem, fazendo com que ninguém estranhasse o seu comportamento.

E assim a companhia de Aragorn parte para a Guerra do Anel: dividida em batalhões, Dernhelm foi liderada pelo Rei Théoden. Durante a batalha, soldados foram abatidos e outros estavam em delírio com o que estava acontecendo, mas Dernhelm continuava firme, até que o Rei Bruxo de Angmar, um dos antagonistas, se aproxima do Rei. Durante a luta entre o Rei Théoden e o Rei Bruxo, aquele foi morto. Ao presenciar o ato brutal do vilão, Dernhelm não hesita, esquece o pavor e o perigo e segue para abater um ser poderoso, a quem nenhum homem havia causado danos físicos, que subestima a donzela disfarçada: “Impedir-me? Tolo que és. Nenhum homem vivente pode impedir-me!” (TOLKIEN, 2019, p. 1215).

Ato contínuo, com muita bravura e orgulho, Dernhelm se revela como Éowyn: “Mas não sou homem vivente! Contemplas uma mulher. Éowyn eu sou, filha de Éomund. Pusete-te entre mim e meu senhor e parente. Vai-te, se não és imortal! Pois, sejas vivente ou obscuro morto-vivo, eu te abaterei se o tocares.” (TOLKIEN, 2019, p. 1215). E assim, a Senhora Branca de Rohan, com a espada em uma mão e o escudo na outra, golpeia o Rei Bruxo de Angmar, arrancando a sua cabeça. O seu tio, já perto da morte, comenta suas últimas palavras para “Dernhelm”, dizendo que desejava mandar uma mensagem à sua amada sobrinha: “ela não queria que eu a deixasse, e agora não hei de vê-la de novo, a que me é mais cara que uma filha.” (TOLKIEN, 2019, p. 1217). E assim faleceu, sem descobrir a identidade de Dernhelm.

Depois desses acontecimentos, Éowyn e os soldados sobreviventes são levados para as casas de cura. Embora tenha sido descoberta durante o resgate, não houve nenhuma ação negativa contra ela, como acontece em algumas figurações da donzela-guerreira, havendo morte real da personagem, por desobedecer ao status quo, ou a exclusão social, sendo este um dos elementos configuradores da sua morte simbólica (GALVÃO, 1998). Todavia, uma específica morte simbólica acomete Éowyn, mas de outra maneira: durante sua convalescência acabou conhecendo Faramir que, além de guerreiro, era Capitão dos Caminhantes de Ithilien, Capitão da Torre Branca e Príncipe de Ithilien, que também esteve nos eventos da Guerra do Anel. Ao conhecer Éowyn, ele se apaixonou por sua beleza, mas também pela sua personalidade forte e corajosa, levando-os a casar e, posteriormente, terem um filho, chamado Elboron.

O final da história de Éowyn, portanto, é considerada uma morte simbólica pelo fato de que há papéis sociais que a donzela-guerreira não deve seguir, a exemplo do lugar ocupado pela esposa e mãe naquela sociedade. Consoante Galvão, o que faz parte do perfil da donzela-guerreira é não se guiar pelos costumes tradicionalmente destinados à mulher, que as impede de terem uma vida mais libertadora e respeitada. Sobre essa condição, vale a pena lembrar que o mais importante não é focar no chamado “final feliz”, mas sim notar os acontecimentos posteriores na vida da heroína, quando ela se deixa apaixonar e amar. Tais acontecimentos, em sua grande maioria, se refletem no retorno dessas mulheres à vida destinada socialmente ao feminino: fazer parte da domesticidade, se tornando esposa e mãe. (PINHEIRO, 2007, p. 38)

### **Considerações finais**

O perfil da donzela guerreira vem se tornando cada vez mais potente, o que ocasiona pensar que não seria surpresa tomar conhecimento da participação de uma mulher disfarçada de homem em uma guerra. Um traço excepcionalmente marcante das mulheres guerreiras é a sua extensa vontade de entrar em um universo que fora barrado para o público feminino, fato mostrado por Tolkien através da personagem Éowyn, em *O Senhor dos Anéis*. Galvão (1998) enfatiza sobre a crescente quantidade de mulheres empoderadas, independentes e autônomas na história e na literatura. A personagem do corpus desse trabalho apresenta essas características a partir do momento em que é negada a sua participação na guerra.

Empoderada pela valentia e pelo feito de combater um dos antagonistas do romance, ela se mostrou independente porque foi à guerra sem permissão dos seus “superiores”, que são homens, e autônoma, por não se deixar submeter às questões sociais presentes no enredo. Conclui-se, portanto, ao final deste trabalho, que o mito da donzela-guerreira aborda conflitos histórico-sociais entre os gêneros, mostrando os privilégios que o sexo masculino sempre possuiu ao longo do tempo. Ele busca demonstrar, também, o quanto as ideias patriarcais são equivocadas, ressaltando que as mulheres têm total capacidade de realizar as mesmas ações que os homens, e possuem as mesmas características relativas à bravura, inteligência e coragem.



## Referências

APFELBAUM, Erika. Dominação. In: HIRATA, Helena; LABORIE, Françoise; LE DOARÉ, Hélène; SENOTIER; Danièle (org.). **Dicionário Crítico do Feminismo**. São Paulo: UNESP, 2009.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**: fatos e mitos. Tradução: Sérgio Milliet. 4 ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970, v. 1.

\_\_\_\_\_. **O Segundo Sexo**: a experiência vivida. Tradução: Sérgio Milliet. 2 ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967, v. 2.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Tradução: Maria Helena Kühner. 11 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

COLLIN, Françoise. Diferença dos sexos (teorias da). In: HIRATA, Helena; LABORIE, Françoise; LE DOARÉ, Hélène; SENOTIER; Danièle (org.). **Dicionário Crítico do Feminismo**. São Paulo: UNESP, 2009.

COSTA, Marcos Roberto Nunes; COSTA, Rafael Ferreira. Escritoras laicas ligadas às artes liberais. In: \_\_\_\_\_. **Mulheres Intelectuais da Idade Média**: entre a medicina, a história, a poesia, a dramaturgia, a filosofia, a teologia e a mística. Porto Alegre: Editora Fi, 2019.

DELPHY, Christine. Patriarcado (teorias do). In: HIRATA, Helena; LABORIE, Françoise; LE DOARÉ, Hélène; SENOTIER; Danièle (org.). **Dicionário Crítico do Feminismo**. São Paulo: UNESP, 2009.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. Tradução: Pola Civelli. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 1994.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. **Mulheres que correm com os lobos**: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem. Tradução: Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

GALVÃO, Walnice Nogueira. **A donzela-guerreira**: um estudo de gênero. São Paulo: SENAC, 1998.

\_\_\_\_\_. Metamorfoses da donzela-guerreira. **Dialogia**, São Paulo, v. 1, p. 21-26, 2002. Disponível em: <http://www4.uninove.br/ojs/index.php/dialogia/article/viewFile/817/697>. Acesso em: 05 de nov. 2020.

JESUS, Milena Santos de; SACRAMENTO, Sandra Maria Pereira do. A construção discursiva do corpo feminino na representação literária de donzela-guerreira. **Revista Letras Raras**, Campina Grande, v. 3, n. 1, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.35572/rlr.v3i1.225>. Acesso em: 03 de nov. 2020.

MILLETT, Kate. **Política Sexual**. Tradução: Alice Sampaio, Gisela da Conceição, Manuela Torres. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1970.

MOLINIER, Pascale; WELZER-LANG, Daniel. Feminilidade, masculinidade, virilidade. In: HIRATA, Helena; LABORIE, Françoise; LE DOARÉ, Hélène; SENOTIER; Danièle (org.). **Dicionário Crítico do Feminismo**. São Paulo: UNESP, 2009.

OLIVEIRA, Valdeci Batista de Melo. **Figurações da donzela-guerreira nos romances Luzia-Homem e Dona Guidinha do Poço**. Dissertação (Mestrado em Teoria e História Literária). Curso de Teoria Literária, Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 159 p. 2001.

PINHEIRO, Renata Kabke. **Éowyn, a Senhora de Rohan**: uma análise linguístico-discursiva da personagem de Tolkien em “O Senhor dos Aneis”. Dissertação (Mestrado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Católica de Pelotas. Pelotas, 165 p. 2007.

RIOS, Rosana (org.). **Senhoras dos Anéis**: Mulheres na Obra de J.R.R. Tolkien. São Paulo: Devir, 2005.

RIOT-SARCEY, Michèle. Poder(es). In: HIRATA, Helena; LABORIE, Françoise; LE DOARÉ, Hélène; SENOTIER; Danièle (org.). **Dicionário Crítico do Feminismo**. São Paulo: UNESP, 2009.

SILVA, Anabela Maria Malta da. **“A Donzela-Guerreira” - Confluências Literárias**. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários, Culturais e Interartes). Faculdade de Letras do Porto. Porto, 123 p. 2010.

TOLKIEN, J.R.R. **O Senhor dos Anéis**: A Sociedade do Anel. Tradução: Ronald Kyrmse. Rio de Janeiro: Harpercollins Brasil, 2019.

\_\_\_\_\_. **O Senhor dos Anéis**: As Duas Torres. Tradução: Ronald Kyrmse. Rio de Janeiro: Harpercollins Brasil, 2019.

\_\_\_\_\_. **O Senhor dos Anéis**: O Retorno do Rei. Tradução: Ronald Kyrmse. Rio de Janeiro: Harpercollins Brasil, 2019.